

O CHORO EM GOIÁS: UM LEVANTAMENTO DISCOGRÁFICO

The Choro in Goiás: a discography survey

José Reis de Geus¹ 

¹Doutorando em Musicologia (ECA-USP/ 2023-atual), Mestre em Música (EMAC-UFG/ 2007-2009), Bacharel em Clarineta (EMAC-UFG/ 2005-2006) e Licenciado em Educação Musical/ Habilitação em Instrumento (EMAC-UFG/ 2001-2004). Professor Instituto de Educação Gustav Ritter, Colégio da Polícia Militar Hugo de Carvalho Ramos e Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte. E-mail: zedochoro@gmail.com

Revista Educação em Contexto

Secretaria de Estado da Educação

de Goiás - SEDUC-GO

ISSN 2764-8982

Periodicidade: Semestral.

v. 4 n. 1, 2025.

educacaoemcontexto@educ.go.gov.br

Recebido em: 19/03/2025

Aprovado em: 06/05/2025

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.15722274>

Resumo

O presente artigo investiga o movimento do gênero choro no Estado de Goiás por meio de um levantamento bibliográfico e discográfico. O estudo analisa seus aspectos históricos, principais compositores e intérpretes, bem como as obras lançadas por gravadoras, de forma independente ou financiadas por leis de incentivo à cultura, no período de 1958 a 2020. Com este levantamento, busca-se organizar e catalogar estas informações, facilitando o trabalho de pesquisadores, instrumentistas e alunos dos das práticas de conjunto de choro oferecidas em Goiânia.

Palavras - chave: Choro. Discografia. Goiânia. Goiás. Música brasileira.

Abstract

This article investigates the choro genre movement in the state of Goiás through a bibliographic and discographic survey. The study examines its historical aspects, main composers and performers, as well as works released by record labels, independently or funded by cultural incentive laws, covering the period from 1958 to 2020. With this survey, we seek to organize and catalog this information, facilitating the work of researchers, instrumentalists, and students of choro ensemble practices offered in Goiânia.

Keywords: Choro. Discography. Goiânia. Goiás. Brazilian music.

INTRODUÇÃO

Este artigo iniciou-se por meio da necessidade de elaboração de um plano de curso e material didático-pedagógico para a Oficina Livre do Choro, uma das práticas de conjunto oferecidas pelo Instituto Gustav Ritter, que tem como objetivo a pesquisa, performance e divulgação do gênero em Goiânia, contribuindo para a formação de plateia através da divulgação de um repertório específico, que não é comumente veiculado nos meios de comunicação de massa. Preocupando-se com a preservação da memória musical brasileira e regional, realiza apresentações didáticas em escolas, além de recitais formais em teatros da capital e interior do Estado, enfatizando da importância do choro como primeiro gênero de música urbana, fundamental para o estudo e a busca da identidade de qualquer músico brasileiro.

Vale ressaltar que levantamento discográfico e bibliográfico vem sendo feito há alguns anos, através de contatos com estudiosos e pesquisadores, além de esforços na aquisição gradativa de material que, em muitos casos, já se encontram fora de catálogo. Por meio dessa iniciativa, busca-se montar um verdadeiro quebra-cabeças onde cada aquisição é determinante para a descoberta de novas informações sobre o trabalho de intérpretes e compositores goianos ligados ao gênero choro.

Sabe-se que o lançamento da bibliografia que contextualiza a música feita no Estado a partir do período colonial ocorreu somente a partir da década de 1960, trabalho pioneiro de pesquisadores vinculados à Universidade Federal de Goiás, através do lançamento de obras como: *A modinha em Vila Boa de Goiás* (1982), de Maria Augusta Calado; *A música em Goiás* (1981) de Belkiss Spencièrre e *O piano na sociedade goianiense (1805-1972)*, publicação da dissertação de mestrado de Maria Helena Jayme Borges, defendida no ano de 1996. Essas obras, já fora

de catálogo, ainda são importantes referências de pesquisa musicológica dentro do Estado. Elas descrevem o panorama musical das cidades do Ciclo do Ouro, especialmente Goiás (Antiga Vila Boa) e Pirenópolis (antiga Meia Ponte), contextualizam as tradições locais, corporações musicais, compositores, intérpretes e obras.

Através desses autores, sabe-se que a modinha constituiu forte tradição na Cidade de Goiás, sendo difundida através de uma formação instrumental constituída por flauta, bandolim e violão. Cora Coralina em seu depoimento diz:

Não passavam sem o bandolim, diziam eles que era um instrumento fácil. Já o violino, um instrumento mais fino, requintado e não eram tantos. Mas o que predominava, pode-se dizer que havia em todas as casas era o bandolim, o violão e a flauta”. (RODRIGUES, 1982, p. 111).

Ainda segundo Rodrigues, essa aparente resistência de acompanhamento ao piano foi fator decisivo para manter as características popularescas da modinha. Também relata que na antiga capital de Goiás, o romantismo chegou com um século de atraso, porém teve um ambiente ideal devido a dois fatores que se identificaram com o espírito revolucionário da época: o isolamento da capital federal e a busca pela autonomia. Ressalta ainda que, a partir do pós-mineração, a constituição de capital do Estado favoreceu a construção de uma sociedade formada por funcionários públicos, comerciantes e militares que, em sua maioria, não acumulavam bens. Dessa maneira, o isolamento da região e o entrelaçamento das famílias proporcionou a tradição da prática da modinha em seu caráter popular, mesmo com a forte influência dos gorjeios das árias

operísticas apresentadas no Teatro São Joaquim, nos salões do Palácio Conde dos Arcos e nos Solares. (Contracapa do LP Modinhas Tradicionais: Fontes culturais da música em Goiás vol. 3)

Em Goiás, assim como no contexto carioca, também existiu uma forte tradição dos chamados saraus, realizados em residências imponentes, ou ainda, das serestas à luz do luar. Clímaco e Guilardi (2018) questionam a ausência de referência aos gêneros musicais lundu-canção e choro na historiografia goiana, levantando a hipótese de autoras como Rodrigues (1982) e Mendonça (1981) concentrarem-se no registro da música formal de origem sacra, com pequenas pitadas de música profana. Dessa forma, acabaram desconsiderando movimentos musicais feitos pelas camadas mais pobres da sociedade, praticadas em grande parte por negros e afrodescendentes. Também mencionam uma fala de Rodrigues afirmando que “no nosso sertão houve a predominância do bandolim, ao passo que no litoral houve maior aceitação do cavaquinho, promovendo a difusão do gênero choro, que na época não se dirigiu ao centro”. Dessa maneira, “a popularidade da flauta, tanto ao gosto português como do indígena, veio coroar magnificamente, compondo o trio instrumental modinheiro vilaboense”. (RODRIGUES, 1982, p. 113). Por fim, pressupõe que o gênero choro só teria sido popularizado a partir das primeiras décadas do século XX, ao cair no gosto dos filhos das famílias tradicionais goianas que iam para o Rio de Janeiro terminar seus estudos, tendo contato com o que chamou de “boemia estudantil”.

Clímaco e Ferreira (2023), em entrevista a importantes chorões, classificam a prática do choro na Cidade de Goiás como moderada, utilizando-se de terminologias de gênero abordadas de forma específica, como explica Fernando Cupertino Barros:

“Eu convivi com muitos desses músicos e eles não falavam de choro, eles falavam em tango brasileiro, em maxixe [...] a Cidade de Goiás é muito forte em matéria de música brasileira; lá eles sempre tocavam diretamente ou indiretamente o choro, tocavam [...] as polcas, os maxixes, os lundus – todos esses gêneros que formaram a identidade do choro, eles tocavam; as valsas, todos esses estilos são muito tocados em Goiás e em Pirenópolis, também, é muito forte (CLÍMACO; FERREIRA, 2023, p. 6)

Márcia Tabora define este repertório através do termo “músicas de choro”, expressão que abrange diversos gêneros musicais executados por uma formação instrumental específica, constituída a partir de instrumento solista, violões de seis e sete cordas, cavaquinho e pandeiro. (TABORDA, 1995, p. 40). Essa afirmativa também vai de encontro a definição de choro enquanto uma reunião de músicos com o intuito de tocar repertório específico, composto por gêneros musicais diversificados como a polca, tango brasileiro, maxixe, lundu, dentre outros. Cupertino também ressalta que em Goiás, assim como no contexto carioca, “o choro também esteve diretamente ligado às bandas de música que tinham o seu repertório integrado por polcas, maxixes e tangos brasileiros, gêneros que interagiam profundamente com os choros e os chorões no Rio de Janeiro, mas não caracterizavam rodas de choro”. (Ibidem)

Batista e Oliveira (1993), no livro intitulado *Anápolis em tempo de música* apresentam, dentre diversos registros, uma partitura intitulada “Brotinho de 1950”, já classificada como gênero choro, contendo a informação no rodapé “copiado em 1964”. Como sugere o título, subentende-se que tenha sido composta antes, ou no início da década de 1950. Existem ainda várias outras composições à exem-

plo de “Sorriso do Jandizinho” (O. Jandy), datada de 19/06/1948, além de “Cuidado em ele” (choro), “Gratidão à Ivone” (valsas), “Esther” (valsas) e “Ao

luar de Pirenópolis” (valsas), de autoria do bandolinista Joaquim Lustre Fernandes, compostas entre os anos de 1957 e 1963.

Figura 1 – “Ao luar de Pirenópolis” (Joaquim Lustre Fernandes “Fernando Bacada”)



Fonte: Anápolis em tempo de música (Paulo Nunes Batista e Jarbas de Oliveira).

A partir da transferência da capital para a cidade de Goiânia, ocorrida em 24 de outubro de 1933, pessoas vindas das cidades históricas e da Cidade de Goiás, trouxeram consigo a forte tradição seresteira aliada às expectativas da busca de novas perspectivas de trabalho oferecidas pela nova capital. Posteriormente, a partir do ano de 1956, a construção de Brasília intensificou ainda mais o processo de migração de pessoas vindas de outros Estados, como se pode notar, analisando a biografia de inúmeros músicos e instrumentistas que se erradicaram no Es-

tado e no Distrito Federal. O livro intitulado *A Velha Guarda do choro no Planalto Central* descreve o panorama do choro em Brasília, inicialmente organizado através de um movimento informal em residências, bares e casas noturnas. Apresenta ainda biografias e perfis de músicos importantes para a organização e fortalecimento do movimento do choro na cidade, o que levou a fundação do Clube do Choro de Brasília em 09 de setembro de 1977.

Clímaco e Ferreira (2023), através de relatos e documentos, comprovam a existência da prática de

choro na cidade de Goiânia durante as décadas de 1940, 1950 e 1960, ainda de forma modesta, sobretudo em “fundo de quintais”. Comprova esta informação através do relato do professor Eurípedes Fontenelle, afirmando que seu próprio pai, integrante de rodas de choro na cidade, desempenhava papel importante acolhendo pessoas de outras regiões do país que migraram para a nova capital Goiânia, trazendo em sua bagagem a prática do choro p. 04). Cita como exemplo nomes como Geraldo Amaral e Marcos Borges, nascidos no Estado de Minas Gerais, de importância significativa para a existência e manutenção do gênero na capital até a década de 1970. A partir da década de 1980, unem-se a nomes como Chiquinho Ramalho, Quietinho, Enéias Águila, Fernandes e Oscar Wilde Ayres da Silva, dando continuidade à prática do choro em Goiânia.

Oscar Wilde Ayres da Silva exerceu papel determinante para a pedagogia, performance e divulgação do choro dentro da cidade de Goiânia. Graduado em direito (1977-1981) e música (1977-1985) pela Universidade Federal de Goiás, fundou o Studio Centro de Música, uma escola que daria início ao movimento que daria origem ao Clube do Choro de Goiânia e, posteriormente, ao projeto Grande Hotel revive o choro.

A Origem do *Studio* Centro de Música: Fui eu que fundei o Clube do Choro [...] eu já dava muita aula pra muitos alunos; tinha muitos alunos e foi crescendo, crescendo e eu montei uma pequena escola, dei aula em várias escolas em Goiânia [...] e depois eu montei a minha escola e aí comecei [...] esse é o início do clube do choro, com a minha mão. Então na escola [...] os alunos que estavam nas escolas me seguiram e eu fazia no fundo do quintal a escola [...] e aí, cresceu demais esse projeto. Então, eu criava o movimento, inicialmente sábado sim, sábado não, começando às cinco da tarde, com todos os alunos tocando [...], depois entrava a segunda parte, todos os chorões, todos os veteranos, todas as pessoas

que faziam choro em Goiânia tocavam. [...] Os grupos que estavam tocando antes começaram a treinar mais, ensaiar mais para tocar [...] Tinha o grupo do Geraldo Amaral, grupo do Mário Morete, grupo do Evaldo e todos os grupos dos grandes músicos que faziam o clube e todos os artistas que já estavam, que já tinham tido aulas comigo: [...] o Enéias, o Nonato, que foram brilhantes músicos [...] Então, foi um caldeirão musical que fazia toda semana (SILVA, 2019, p. 13)

Em entrevista a Nilo Alves, Andréa Luísa Teixeira faz referência ao grupo coordenado por Geraldo Amaral, citado por Oscar Wilde, afirmando que “nessa mesma época, entre os 12 e 16 anos, também tive a grande sorte de participar do ‘Grupo de Choro Maternidade’, onde tínhamos o mestre Geraldo Amaral. Esse grupo era formado por Toninho 7 Cordas, Enéias Águila, Cristiano Silva, Dito, Geraldo Amaral e eu. Todo domingo estávamos juntos. Nesse grupo eu tocava flauta transversal e cavaquinho”. (ALVES, 2016, p. 333)

Com a fundação do Clube do Choro de Goiânia em meados de 1985, o processo de interação entre professores e alunos, músicos amadores ou profissionais, teóricos ou práticos, promoveu o fortalecimento do movimento através da troca de experiências, contribuindo até mesmo a profissionalização de vários alunos, de importância fundamental na continuação do legado da prática do choro dentro do cenário Goianiense e nacional. Essa organização do movimento serviu como importante base de sustentação para o que viria a ser o projeto Grande Hotel revive o choro, promovido pela Prefeitura Municipal de Goiânia.

O Grande Hotel, um dos importantes símbolos da *Art Déco* em Goiânia, foi um dos três primeiros edifícios da cidade, localizado no Setor Central. Inaugurado em 23 de janeiro de 1937, era importante ponto de encontro da sociedade goianiense, palco de eventos sociais e musicais, chegando a hospedar pessoas

ilustres como o presidente Getúlio Vargas, Claude Lévi-Strauss, Pablo Neruda e o escritor Monteiro Lobato. Foi tombado como Patrimônio Histórico e Cultural de Goiás em 1991 e declarado Patrimônio Artístico e Nacional pelo IPHAN no ano de 2003. O projeto *Grande Hotel revive o choro* caracterizou-se enquanto evento musical de rua, acontecendo às sextas-feiras, entre as 20:00 e 22:00 horas, reunindo entre 2,5 e 3 mil pessoas. Idealizado por Oscar Wilde através da Prefeitura Municipal de Goiânia, teve início no ano de 2003, recebendo nova edição a partir do ano de 2012, sob o nome de Grande Hotel vive o choro. Esteve paralisado entre os anos de 2014 e 2016, retornando em 2017 e encerrando suas atividades em dezembro de 2019.

Pode-se dizer que o trabalho de Oscar Wilde, seja enquanto instrumentista ou educador, fez com que a profissionalização de vários de seus ex-alunos assegurasse tanto a prática como a divulgação do choro em Goiânia, seja enquanto instrumentistas, seja enquanto docentes em cursos técnicos e superiores de música, em diferentes instâncias. Sua atuação junto à Secretaria Municipal de Goiânia à frente da produção do *Projeto Grande Hotel revive o choro*, mais tarde renomeado para *Grande Hotel vive o choro*, reuniu os músicos e estudiosos do gênero, contribuindo para a formação e divulgação de grupos locais, surgimento de novos intérpretes e formações instrumentais, além do registro de trabalhos em disco.

Através da criação de Leis de Incentivo à Cultura, houve a possibilidade de produção e circulação de vários trabalhos musicais, shows e turnês em Goiânia e interior do Estado, contribuindo significativamente para a divulgação da música instrumental dentro do Estado de Goiás.

Discografia do choro em goiás

Para falar da discografia lançada no Estado, convém entender o panorama de formação e profissionalização de toda uma geração de instrumentistas a partir da década de 2000, seja tocando nas formações instrumentais coordenadas pelo próprio Oscar Wilde, seja estudando em práticas de conjunto de choro ministradas em diversas instituições por onde lecionou: Studio Centro de Música, Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, Instituto de Educação em Artes Basileu França (hoje chamada Escola do Futuro em Artes Basileu França) e Centro Livre de Artes. Com isso, nomes como Nonato Mendes, Maximira Luciano, Lene Black, José de Geus “Zé do Choro”, Leandro Gomes, João Fernandes, Diego Amaral, Everton Luiz, Júlio Lemos, dentre outros, dão continuidade a este trabalho junto à instituições de ensino técnico e superior, pertencentes às instâncias municipal, estadual e federal, que oferecem o estudo e a prática do gênero choro dentro da sua grade curricular.

Tabela 1. Práticas de choro oferecidas em diferentes instituições de ensino em Goiânia.

Instituição	Nome da prática	Coordenador(es)
Centro Livre de Artes	Prática de Conjunto	Oscar Wilde Ayres da Silva
Escola do Futuro Basileu França	Núcleo de Choro do Basileu França	João Fernandes da Silva Neto
Instituto de Educação Gustav Ritter	Oficina Livre do Choro	José Reis de Geus e Leandro Gomes da Silva

Instituto Federal de Goiás	Núcleo de Choro do IFG (Projeto de Ensino)	Lamartine Tavares (coordenador), Gustavo Amui e José Reis de Geus (colaboradores)
	Chorinho e Comunidade: Arte, inclusão e formação (Projeto de extensão)	Gustavo Amui (coordenador) e Lamartine Tavares (colaborador)
Universidade Federal de Goiás	Núcleo de Choro da UFG (Projeto de extensão)	Everton Luiz e Júlio Lemos

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

Lendo as fichas técnicas dos discos, nota-se que nos trabalhos lançados a partir do ano de 2012 um grande intercâmbio entre profissionais da geração constituída pelos nomes citados anteriormente, além de ex-alunos que gradativamente se profissionalizaram na área musical, dando continuidade no movimento do choro em Goiânia, seja através da performance, ou através da

criação de trabalhos independentes. Organizando os títulos em ordem cronológica, chegou-se a um total de 33 álbuns produzidos entre os anos de 1958 a 2020, com aumento significativo no volume de produções a partir do ano de 2002, graças ao financiamento de projetos através de leis de incentivo à cultura, predominando o formato CD, com divulgação independente.

Tabela 2. Discografia do gênero choro lançada no Estado de Goiás.

Álbum/ Intérprete	Mídia/ nº catálogo	Gravadora/	Ano
Velhas estampas: Tia Amélia com a Banda Vila Rica <i>Amélia Brandão Nery</i>	LP MOFB 3056	Odeon	1958
As músicas da vovó no piano da titia <i>Amélia Brandão Nery</i>	LP MOFB 3097	Odeon	1959
Recordações de Tia Amélia <i>Amélia Brandão Nery</i>	LP BBL 1119	RCA Victor	1961
Modinhas goianas (vilaboenses) <i>Maria Augusta Calado</i>	LP MPL 9399	Marcus Pereira	1979
Batismo Cultural de Goiânia <i>Coletânea</i>	LP MPL-9402	Marcus Pereira	1979
A bênção Tia Amélia <i>Amélia Brandão Nery</i>	LP MPL 9422	Marcus Pereira	1980
Reinaldo Reis e seu violão <i>Reinaldo Reis</i>	Vinil compacto	Independente	1980
Modinhas Tradicionais <i>Maria Augusta Calado</i>	LP 526.404.380	UFG/SESU - MEC	1983
Sons de bandolim “anapolino” ¹ <i>Joaquim Lustre Fernandes “Fernando Bacada”</i>	LP	???	????
Anápolis em tempo de música <i>Coletânea</i>	LP 201.068	Sony	1993

¹Consultando a capa, contracapa e selos do LP Sons de bandolim “anapolino”, não foram encontradas informações referentes à gravadora, número do disco e ano da gravação do álbum.

Artigo O choro em goiás: um levantamento discográfico

Pedra <i>Sabah Moraes</i>	CD	CPC-UMES	1998
Feito à mão <i>Reinaldo Reis</i>	CD	Carambola Discos	1999
Grupo de choro Brasileiro: um chorinho faz favor	CD	Lei Municipal Incentivo à Cultura	2003
El Ligno Trio João Fernandes, Raphael Milhomem e João Batista <i>Albernaz</i>	CD	Lei Municipal Incentivo à Cultura	2006
Munguzá: Trio Aracajú <i>Dário Santos, Jâmsom Costa e Wallace Patriarca</i>	CD	Lei Municipal de Incentivo à Cultura	2008
Cordas e acordes <i>Reinaldo Reis</i>	CD	Independente (patrocínio particular)	2008
Músicas da Serra Dourada e dos Pireneus (Sons do Cerrado volume 12) <i>Euller Amorim e Eurípedes Fontenelle</i>	CD	ITS/UCG	2008
Estrada de cordas <i>Reinaldo Reis</i>	CD	Independente (patrocínio particular)	2010
Tributo a Noel Rosa: <i>Grupo instrumental Naquele Tempo</i>	CD	Lei municipal de Incentivo à Cultura	2011
Festival da ARPUB <i>Sobreira no Choro (José de Geus “Zé do Choro”)</i>	CD Virtual	Radio Universitária	2011
O Choro no Planalto Central <i>Pegou Fogo no Coqueiro (Dionísio Della Penna)</i>	Livro + CD	Editora UFG/FCS	2012
No compasso do choro <i>Oscar Wilde Ayres da Siva</i>	CD	Lei municipal de Incentivo à Cultura	2016
Boêmios Eletroacústico: Os Boêmios <i>Fred Praxedes, Willian Gláucio, Nonato Mendes e Henry F. Ribeiro</i>	DVD	Lei municipal de Incentivo à Cultura	2016
Brasil in Trio interpreta Alessandro Branco <i>Everton Luiz, Júlio Lemos e Diego Amaral</i>	CD	Patrocínio particular	2016
Cenário musical <i>Reinaldo Reis</i>	CD	Fundo Estadual de Cultura	2016
Quarteto Pixinga interpreta <i>José de Geus “Zé do Choro”, Júlio Lemos, Leandro Gomes e Henry F. Ribeiro</i>	CD	Lei Municipal de Incentivo à Cultura	2016
Duo Limiares <i>Sara Lima e Robervaldo Linhares</i>	CD	Lei municipal de Incentivo à Cultura	2017
Brasil in Trio interpreta Alessandro Branco <i>Everton Luiz, Júlio Lemos e Diego Amaral</i>	DVD	Lei Goyazes	2018
Brasil Acústico <i>Júlio Lemos</i>	CD	Lei Municipal de Incentivo à Cultura	2019
Zé do Choro interpreta Abel Ferreira <i>José de Geus “Zé do Choro”</i>	CD	Lei municipal de Incentivo à Cultura	2019
Revivendo Goiás <i>Marcos Botelho, Maria Eugênia, Henrique Reis e Luiz Chaffin</i>	CD	Lei municipal de Incentivo à Cultura	2019
Diabo à Quatro	CD	Lei Municipal de Incentivo à Cultura	2019
Brasil in Trio interpreta Jarbas Cavendish <i>Everton Luiz, Júlio Lemos e Diego Amaral</i>	Plataformas	Lei Municipal de Incentivo à Cultura	2020

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

A tabela inicia-se através com os discos Tia Amélia lançados, entre os anos de 1958 a 1980 pelas gravadoras como Odeon, RCA Victor e Marcus Pereira. Nascida em Jaboaão dos Guararapes – PE, transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1931 e, decidida a encerrar sua carreira e não mais tocar em público, passou a residir em Marília – SP, mudando-se para a cidade de Goiânia início da década de 1950. Exerceu grande importância para o panorama musical goianiense pois, Segundo Marconato e Rosa (2024), “desenvolveu intensa atividade como professora de piano, inclusive com aulas em conjunto com pianos, o que era uma inovação à época, tendo formado uma geração de professores importantes, como Estércio Marquez Cunha, Heloisa Barra, Maria Augusta Callado, futuros professores da Universidade Federal de Goiás, que seria inaugurada em 1960”. Othaniel Alcântara comenta que, “mesmo mantendo sua residência em Goiânia, Tia Amélia voltou a trabalhar no Rio de Janeiro. Lá, nos anos 1950 e 1960 apresentou, semanalmente, programas de televisão (TVs Rio e Tupi). Nas décadas subsequentes teve certo sucesso até a sua morte, em 1983, na capital do Estado de Goiás”.

Ainda fazendo parte dos discos lançados pela gravadora Marcus Pereira em parceria com a Universidade Federal de Goiás e Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Goiás, os álbuns *Modinhas goianas: vilaboenses* (1979) e *Modinhas tradicionais* (1983) resgatam o saudosismo da modinha através da voz de Maria Augusta Calado, dando vida às composições levantadas em seu livro intitulado *A modinha em vila Boa de Goiás*. No primeiro disco, conta com o acompanhamento de Manezinho da Flauta, Evandro do Bandolim e Márcio Alencastro Veiga ao violão. No segundo LP, divide o repertório em dois momentos: o primeiro, acompanhado pelo piano de Maristela Cunha, e o segundo, acompanhado pelo violão de Márcio Alencastro Veiga.

Encerrando os títulos lançados através de gravadoras, o *Batismo Cultural de Goiânia* (1979) foi um trabalho produzido através da iniciativa de Luiz Heitor Correia de Andrade, professor da Escola Nacional de Música, hoje Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Segundo informações da contracapa, Andrade permaneceu durante nove dias em Goiânia com o intuito de realizar gravações de manifestações folclóricas e registro de observações pessoais. Segundo ele, as festas de inauguração da nova capital proporcionariam uma situação excepcional para o feito, pois no programa figuravam vários “festejos típicos”, então promovidos pelo Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda.

No entanto, comentários escritos na contracapa do disco afirmam que, “nem todos os documentos que colhemos tem igual valor folclórico”:

A programação de sambas e marchinhas de carnaval pelas grandes rádios difusoras-nacionais, bem como a influência dos artistas que cultivam os programas de gênero caipira, nessas mesmas radiodifusoras, atingiram a imaginação poético-musical de certos bardos da região, que pensam elevar a sua arte, moldando-as pelos padrões mais cultos que vêm do Rio ou de São Paulo. De um modo geral ficam enfraquecidos por essas circunstâncias todos os cantos de Chico Onça e Micuim; os duos de viola de Alagoano e Brasil Primeiro, e os trechos executados pelo conjunto instrumental de Augusto Catarino Santos, Silvío de Souza e Felipe Andrade. (Luiz Heitor Corrêa de Andrade, contracapa do LP *Batismo Cultural de Goiânia*)

No repertório gravado, existe uma peça da autoria de Alagoano e Brasil Primeiro intitulada “Choro”, interpretada pelos próprios compositores, da qual refere a citação. A faixa inicia-se com a fala: “Goiânia, 24 de junho de 1942”, antecedendo a execução de um choro de três partes, estruturado sob a forma rondo ABBACCA, executado por duas violas.

Reinaldo Reis, violonista e compositor anapolino, comenta que toda a sua discografia foi gravada através de recursos próprios ou patrocínio independente, desde o início de sua carreira. Através desses esforços, produziu-se o vinil compacto *Reinaldo Reis de seu violão* (1980) e os CD's *Feito à mão* (1999), *Cordas e acordes* (2008), *Estrada de cordas* (2010) e *Cenário musical* (2016). Dentre suas composições, destacam-se “Italian Moscard”, “Dança do Rei”, “Canção para as mães” e “Noites de verão”, além de “Chorinho do Edu”.

Outros trabalhos diretamente vinculados à cidade de Anápolis são representados pelos LP's *Anápolis em tempo de música* (1993) e *Sons de Bandolim “Anapolino”*. *Anápolis em tempo de música faz parte do projeto História de ouro: o resgate da história da música em Anápolis*, pesquisa realizada por Paulo Nunes Batista, Adriana Batista, Jarbas de Oliveira e Althamir Antônio

Godinho, que reúne obras interpretadas por músicos e compositores do cenário musical anapolino, destacando entre elas o choro “Dengoso” (Bill do Cavaco²) e Brotinho de 1950 (Sisenato G. Jaime). Já o álbum *Sons de Bandolim “Anapolino”*, gravado pelo bandolinista Joaquim Lustre Fernandes, apresenta repertório autoral composto predominantemente por valsas e polcas. Conhecido pelo apelido de “Fernando Bacada” por claudicar da perna esquerda, foi professor e diretor da Escola de Música de Anápolis. Segundo Maria Ivone Corrêa Dias, tem mais de 400 composições de gêneros variados, sobretudo valsas e choros. O livro *Anápolis em tempo de música* apresenta várias partituras de sua autoria, à exemplo das valsas intituladas: “Ao luar de Pirenópolis”, “Esther”, “Gratidão à Ivone”, além do choro “Cuidado com Ele”.

Figura 2 – “Cuidado com ele” (Joaquim Lustre Fernandes “Fernando Bacada”)



Fonte: Anápolis em tempo de música (Paulo Nunes Batista e Jarbas de Oliveira).

²Benedito Florentino (1938-1984) – Cavaquinista, violonista e compositor nascido em Sacramento - MG, transferiu-se para Anápolis ainda na infância. Participou de vários conjuntos musicais e excursionou por cidades de Mato Grosso fazendo shows. Dentre suas composições, destacam-se ainda “Malandro sem sapato” (choro), “O caranguejo” (choro-canção), “Terra de Santana” (dobrado), “Hino da Rubra” (bolero-mambo), “Imigração” (samba) e “Eterno amor” (em parceria com Dr. Do Pandeiro). Faleceu aos 46 anos de idade, vítima de um câncer.

A partir da década de 2000, a Lei Federal nº 8.666 de 1993, com legislação correlata em consonância com a Lei municipal nº 7.957 de 06 de janeiro de 2000 e alterações, proporcionou um considerável aumento das produções discográficas através do financiamento de projetos de gravações de disco. Devido ao elevado preço dos direitos autorais, nota-se uma tendência pela opção de escolha de repertório de compositores locais, ou de obras que já estejam em domínio público.

Dentre inúmeros álbuns, somente o CD *É do Choro interpreta Abel Ferreira* é composto integralmente por obras editoradas. Outros títulos como *Oscar Wilde: no compasso do choro*, *Grupo Brasileirinho: um chorinho faz favor* apresentam parte das obras editoradas e outra em domínio público. Já os títulos *Tributo a Noel Rosa* (2011), *Quarteto Pixinga interpreta* (2016) e *Duo Limiares* (2016) apresentam repertório composto integralmente por obras de domínio público, recorrendo a compositores de choro segunda metade do século XIX até a primeira metade do século XX. Também merece destaque álbuns autorais como *Munguzá* (2008), que registra composições de Dário Santos³; *Músicas da Serra Dourada e dos Pireneus* (2008), que registram obras de Euller Amorim e Eurípedes Fontenelle, além dos títulos *Brasil in Trio interpreta*

*Alessandro Branco*⁴ (2014) e *Brasil in Trio interpreta Jarbas Cavendish* (2016).

O CD *Antologia do violão goiano* faz parte do projeto *Violão e violonistas goianos: ciclo de recitais e palestras*, organizados pela professora Fernanda Furtado. Lançado em 2001, reúne gravações realizadas nos anos de 1998 e 2001, reunindo obras de compositores e intérpretes residentes no Estado de Goiás. Dentro do repertório, apresenta dois choros intitulados “Serra Dourada” (Bruno José Vieira) e “Primeiro choro” (Jordão Horta Nunes). Ainda representando o movimento violonístico goiano, *El Ligno Trio* foi um grupo formado no ano de 2012 pelos violonistas João Fernandes, Rafael Milhomem e João Batista Albernaz, então estudantes de graduação do curso de música da Universidade Federal de Goiás. Segundo informações do disco lançado em 2016, o nome foi extraído do idioma esperanto: “que veio da madeira”, o mesmo significado da palavra alaúde, um dos precursores do violão ou *al ud*, do árabe. Apresenta uma gama de obras e estilos musicais contrastantes, indo do clássico ao popular, do erudito ao contemporâneo. Dentro do repertório, encontra-se o choro intitulado “Lamentando”, de Eurípedes Fontenelle⁵, composição dedicada especialmente ao trio.

³Dário Santos (1968) é violonista, violinista, compositor e arranjador. Iniciou seus estudos no Conservatório de Música de Aracajú transferindo-se para Goiânia em 1994, ao ingressar para a Orquestra Sinfônica de Goiânia (1994-2018). Efetivou-se como professor da Secretaria de Estado de Educação de Goiás (SEDUC-GO) em 2007, atuando na Escola de Arte Veiga Valle (2007-2016) e no Instituto Gustav Ritter (2017-atual). Em 2014, criou a Orquestra Jovem Arte Viva, pertencente ao Instituto Gustav Ritter, grupo musical formado majoritariamente por alunos do ensino básico e iniciantes no instrumento musical, contudo, sem restringir o ingresso de alunos mais experientes da qual tem a coordenação e regência.

⁴Alessandro Branco é violonista, cavaquinista e compositor. Natural de Formosa-GO, transferindo-se para Goiânia no ano 2000. Graduando em Licenciatura em Educação Musical (2006), integrou grupos como *Acordovocal e Chinelo de dedo*. Recebeu prêmios como “Educador nota 10” (2012) e “Educação em destaque” (2010). Atuou como professor na Escola de Artes Veiga Valle e Centro de Educação Profissional em Artes Basileu França (hoje Escola do Futuro Basileu França) entre os anos de 2000 e 2015. Atualmente, é professor do Instituto de Educação Gustav Ritter e da Rede Municipal de Goiânia.

⁵Eurípedes Barsanulpho Fontenelle (1942) é violonista e compositor. Natural de Cristalina – GO, é professor aposentado de violão e bandolim da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás. É autodidata, iniciando seus estudos musicais ainda criança. É diplomado pela Ordem dos Músicos do Brasil e pelo Conselho Regional do Estado de Goiás, que lhe conferiu o título de Guitarrista e Violonista Popular e Clássico no Rio de Janeiro em 1967.

Ainda registrando o trabalho de violonistas, destaca-se a composição “Choro final”, de Ney Coureiro, gravada em seu terceiro CD intitulado *Trilhas veredas e outros caminhos*, lançado em 2013. Também merece destaque o álbum intitulado *Pedra*, da cantora Sabah Moraes, que registra a composição de um choro cantado intitulado *Sem lua, choro*, composição do violonista João Luís Batista Neto⁶, em parceria com o cantor Tonzera.

Por fim, o álbum intitulado *Diabo à quatro* constitui o registro do grupo formado por alunos do curso de Música do Instituto Federal de Goiás, dentro das atividades da disciplina Prática de Conjunto. Integrado por Anderson Umbuzeiro (bandolim), Pedro Jordão (violão de sete cordas), Noel Carvalho (percussão) e Rozinaldo Miranda (flauta transversal e saxofone), lançaram seu primeiro álbum em 2019 contendo repertório autoral, além de obras do violonista Leandro Mourão.

Existem somente dois trabalhos em DVD: *Basil in Trio interpreta Alessandro Branco* (2016), contendo o mesmo repertório do CD lançado em 2014, e *Brasil Acústico* (2018), gravado pelo violonista Júlio Lemos e convidados.

Existem ainda outros registros de faixas isoladas à exemplo do CD *Revivendo Goiás*, com a polca-choro “Ora-veja!” (Tônico do Padre), ou ainda, o CD virtual do *Festival da ARPUB* (2011), com a composição “Sobreira no Choro” (José de Geus “Zé do Choro”), que recebeu os prêmios de melhor intérprete instrumental e música mais votada pela *internet*.

Outro registro importante de um chorão que residiu temporariamente em Goiânia está presente no CD do livro *A Velha Guarda do choro no Planalto Central*. Dionísio Della Penna, conhecido entre os chorões

pelo apelido de “Coqueiro”, foi um bandolinista natural de São José do Rio Preto, residente em Goiânia entre os anos de 1943 e 1960, transferindo-se para a cidade de Brasília. Neste álbum encontra-se a gravação do choro “Pegou fogo no coqueiro”, gravado pelo grupo goianiense Descendo a Madeira com a participação do compositor ao bandolim.

Dentro da discografia pesquisada, destacam-se ainda vários nomes de compositores goianienses como Paulo Amazonas, Francisco Ramalho, Francisco Duarte, João Fernandes, Rogério Caetano, Arnaldo Freire, dentre outros, que apresentam diferentes perfis, podendo estar diretamente vinculados à tradição do choro, preservando aspectos estéticos de forma, harmonização, sonoridade e interpretação musical. Outros, por sua vez, já buscam novas diretrizes para forma composicional e instrumentação que, em alguns casos, saem da formação típica dos conjuntos regionais constituídos a partir de sopros, cavaquinho, violão e pandeiro. Outro ponto importante está no fato de que muitos álbuns apresentam composições de gêneros musicais variados, onde o choro aparece representado através de obras isoladas, ao passo que outros títulos de caráter temático, são representados exclusivamente por um repertório de choro e gêneros musicais afins.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se dizer que o gênero choro inicia-se nas cidades do Ciclo do Ouro em Goiás enquanto forma de interpretação da modinha, associada a outros gêneros como a polca, o lundu, maxixe e o tango brasileiro. Na primeira metade do século XX, a transferência da capital do Estado para Goiânia e a construção de

⁶João Luiz Batista Neto (1964-2007), violonista e professor, nascido na cidade de Marília – SP, transferiu-se para Goiânia em 1968. Fez parte de diversas formações instrumentais à exemplo do Grupo Choramingando, Alma Brasileira, dentre outros. Atuou como professor no MVSIIKA Centro de Estudos (1999-2007), vindo a falecer prematuramente em função de problemas cardíacos.

Brasília desencadeou um processo de migração de pessoas vindas de diferentes regiões brasileiras em busca de novas oportunidades de trabalho. A partir desse intercâmbio cultural, o choro começou a ser praticado em Goiânia de forma modesta, através de encontros e reuniões informais entre instrumentistas vindos da Cidade de Goiás, Pirenópolis, ou ainda, de Estados do Nordeste e Sudeste do Brasil.

Através do trabalho de Oscar Wilde enquanto educador musical, instrumentista e visionário, a criação *Studio* Centro de Música deu suporte para a criação do Clube do Choro de Goiânia e, anos depois, para a criação do projeto *Grande hotel revive o choro*. Ao longo dos anos, seu trabalho pedagógico e seu espírito de liderança contribuíram para a profissionalização de vários alunos, que hoje atuam em diversas instituições de ensino, dando continuidade ao trabalho de pedagogia e performance do choro dentro da capital goianiense.

A partir do lançamento de obras através da Gravadora Marcus Pereira, a produção fonográfica no âmbito do choro intensifica-se a partir da década de 2000, através de patrocínios independentes, ou ainda, pelo financiamento de projetos através de Leis de Incentivo à Cultura em âmbito municipal e es-

tadual. Através da abertura de editais, houve a possibilidade do registro do trabalho de novos grupos musicais, intensificando o intercâmbio entre intérpretes, compositores, instrumentistas e arranjadores na produção de repertório autoral, regravação de obras de compositores nacionais renomados, ou ainda, resgatando obras de domínio público.

Por meio desse breve artigo, pode-se ter uma ideia da trajetória do gênero choro no Estado de Goiás, desde o seu nascimento até a transferência para a nova capital Goiânia. Através deste levantamento discográfico, busca-se organizar e detalhar informações, facilitando o acesso a pesquisadores, instrumentistas, alunos dos cursos de música e práticas de conjunto de choro oferecidos em várias instituições de ensino em Goiânia, à exemplo da Escola do Futuro em Artes Basileu França, Instituto Gustav Ritter, Centro Livre de Artes, Instituto Federal de Goiás e Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás. Através dessa iniciativa, organizam-se importantes referências para a realização de pesquisas futuras ligadas à prática pedagógica, performance e criação musical, fundamentais para a produção de novos trabalhos relacionados ao gênero choro em nosso Estado.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, O. **Tia Amélia**: uma celebridade em Goiânia. A *Redação*. Goiânia, 14 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.aredacao.com.br/colunas/157596/tia-amelia-uma-celebridade-em-goiania> Acesso em: 28 fev. 2025.

ALVES, N. **A verdadeira história da música goiana**. Goiânia: Kelps, 2016.

ALVES, R. **Homenagem com choro**: Violonista João Batista Neto, morto recentemente, será lembrado por colegas em roda de choro. *O Popular*. Goiânia, 14 de setembro de 2007. Magazine, p. 5.

BARBOSA, L. C.; CLÍMACO, M. M. As rodas de choro em Goiânia – GO: motivações, locais de atuação e relações com o mundo do trabalho. In: XXXI CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 31, 2021. João Pessoa. Anais... João Pessoa, 2021.

BATISTA, P. N.; OLIVEIRA, J. **Anápolis em tempo de música**: projeto história de ouro. Anápolis: Gráfica e Editora Glória, 1993.

BEZERRA, V. **Morre um dos fundadores do Clube do Choro de Goiânia**. *O Popular*. Goiânia, 13 de setembro de 2007. Magazine, p. 5.

BORGES, M. H. J. **O piano na sociedade goianiense (1805-1972)**. Goiânia: FUNAPE, 1998.

CLÍMACO, M. M.; GUILARDI, L. C. Lundu canção e choro: implicações com a sociedade goiana que cultivou saraus e serestas. **Revista Música Hodie**, Goiânia, V.18 - nº 2, 2018.

CLÍMACO, M. M.; FERREIRA, M. M. Aspectos da trajetória do choro em Goiânia – GO: diálogos com a tradição musical goiana e o trânsito de pessoas na cidade fundada no século XX. **Revista Opus**. Vitória, v. 29, p. 01 a 19, 2023.

LION, A; RIOS, S. **A Velha Guarda do choro no Planalto Central**. Goiânia: FCS/UFG, 2012.

LEMONS, J. C. M. **Gravação DVD Júlio Lemos**. Disponível em: <<https://centrocultural.ufg.br/n/104766-gravacao-dvd-julio-lemos>> Acesso em: 19 fev. 2025.

MENDONÇA, B. S. C. **A música em Goiás**. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1981.

RODRIGUES, M. A. C. S. **A modinha em Vila Boa de Goiás**. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1982.

1º Festival de Música da ARPUB. Rádio Universitária da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 06 de outubro de 2010. Disponível em: <https://radio.ufg.br/n/21676-1-festival-de-musica-da-arpub?atr=fr&locale=fr>. Acesso em: 13 fev. 2025.

MARCONATO, T. L.; ROSA, R. L. De Amélia Brandão Nery a Tia Amélia. **Música Hodie**. Goiânia, v. 24, e. 80875, 2024.

TABORDA, M. E. **Dino Sete Cordas e o acompanhamento na música popular brasileira**. 1995. 101 fls. Dissertação de Mestrado – Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

VASCONCELOS FURTADO, F. **O violão na sociedade de Goiânia**: trajetória histórica, principais personagens. 2006. 216 fls. Dissertação de Mestrado – Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.

WOLF, Ítalo. **Show revive um século da antiga música goiana.** *Jornal Opção.* Goiânia, 05 de julho de 2022. Acesso em 30 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/show-revive-ra-um-seculo-da-antiga-musica-goiana-213345/>. Acesso em: 28 fev. 2025.

REFERÊNCIAS DISCOGRÁFICAS

ALBERNAZ, João Batista; SILVA NETO, João Fernandes da; SILVA, Rafael Milhomem. **El Ligno Trio.** CD s/nº: Pandarus Produções, 2006.

ÁQUILA, Enéias; FILHO, João Rodrigues. **Grupo de choro Brasileirinho: um chorinho faz favor.** CD s/nº: Estúdio Pop, 2003.

ARACAJÚ, Trio. **Munguzá.** CD s/nº: Pandarus Música Brasileira, 2008.

ARTISTAS DIVERSOS. **Antologia do violão goiano.** CD s/nº: Pandarus Produções: 2001.

ARTISTAS DIVERSOS. **Batismo Cultural de Goiânia.** LP MPL 9402: Marcus Pereira, 1979.

BOÊMIOS, Grupo. **Boêmios eletroacústico.** CD s/nº: Tambor Produções, 2016.

BRASIL IN TRIO, Grupo. **Brasil in trio interpreta Alessandro Branco.** CD s/nº: Tratore, Júlio Lemos, 2016.

BRASIL IN TRIO, Grupo. **Brasil in trio interpreta Alessandro Branco.** DVD s/nº, 2017.

BRASIL IN TRIO, Grupo. **Brasil in trio interpreta Jarbas Cavendish.** Plataformas Digitais: Tratore, 2020.

FERNANDES, Joaquim Lustre. **Sons de bandolim “Anapolino”.** LP s/nº, 1993.

GEUS, José Reis de; LUIZ, José Ribamar; SANTOS, Luiz Carlos Pereira dos; SILVA, Leandro Gomes da. **Sobreira no choro (José Reis de Geus “Zé do Choro”).** CD virtual s/nº: Rádio Universitária/ Universidade Federal de Goiás, 2011.

GEUS, José Reis de; SILVA, Leandro Gomes; LEMOS, Júlio César Moreira; RIBEIRO, Henry Francisco. **Quarteto Pixinga.** CD s/nº: Rogério Bicalho Produções, 2016.

GEUS, José Reis de. **Zé do Choro interpreta Abel Ferreira.** CD s/nº: Rogério Bicalho Produções, 2019.

LEMOS, Júlio César Moreira. **Brasil acústico.** DVD s/nº, 2018.

MORENO, Adriana. **História de ouro: Anápolis em tempo de música**. LP 201.068/ 201.069: Sony, 1993.

NAQUELE TEMPO, Grupo. **Tributo a Noel Rosa**. CD s/ nº, 2011.

NERY, Amélia Rodrigues. **Velhas estampas: Tia Amélia com a Banda Vila Rica**. LP MOFB 3056. Odeon, 1958.

NERY, Amélia Rodrigues. **As músicas da vovó no piano da titia**. LP MOFB 3097. Odeon, 1959.

NERY, Amélia Rodrigues. **Recordações de Tia Amélia**. LP BBL 1119. RCA Victor, 1961.

NERY, Amélia Rodrigues. **A bênção, Tia Amélia**. LP MPL 9422. RCA Victor, 1980.

REIS, Reinaldo. **Reinaldo Reis e seu violão**. Vinil Compacto, s/ nº, 1980.

REIS, Reinaldo. **Feito à mão**. CD, s/ nº, 1999.

REIS, Reinaldo. **Estrada de acordes**. CD, s/ nº, 2008.

REIS, Reinaldo. **Cenário Musical**. CD, s/ nº, 2016.

RODRIGUES, Maria Augusta Calado de Saloma. **Fontes culturais da música em Goiás vol. 3: modinhas Tradicionais**. LP 526.404.380, UFG/SESU – MEC, 1983.

RODRIGUES, Maria Augusta Calado de Saloma. **Modinhas goianas (vilaboenses): interpretação de Maria Augusta Calado**. LP MPL-9399: Marcus Pereira, 1979.

SILVA, Oscar Wilde Ayres da. **No compasso do choro**. CD s/nº: Estúdio Concertoria, 2013.